

SUÊNIA MARIA NASCIMENTO DE ARAÚJO

**História e Sindicalismo: Atuação e Militância da
Associação dos Docentes da Universidade
Estadual da Paraíba (ADUEPB) nas décadas de
1980 e 1990.**

Artigo Científico apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado.

Orientadora: Prof^ª Ms. Maria de Lourdes Lôpo Ramos

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A663h Araújo, Suênia Maria Nascimento de.
 História e sindicalismo [manuscrito]: Atuação e militância da Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba (ADUEPB) nas décadas de 1980 e 1990. / Suênia Maria Nascimento de Araújo. – 2011.
 19 f.

 Digitado.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

 “Orientação: Profª. Ms. Maria de Lourdes Lôpo Ramos, Departamento de História e Geografia”.

 1. Sindicalismo. 2. Docente. 3. História. 4. ADUEPB. I. Título.

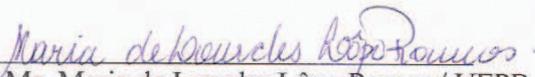
21. ed. CDD 306.36

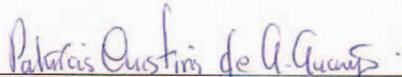
SUÊNIA MARIA NASCIMENTO DE ARAÚJO

História e Sindicalismo: Atuação e Militância da Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba (ADUEPB) nas décadas de 1980 e 1990.

Artigo Científico apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado.

Aprovada em 18/02/2011.


Prof^a Ms. Maria de Lourdes Lôpo Ramos / UEPB
Orientadora


Prof^a Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB
Examinadora


Prof^a Ms. Maria Giseuda Limeira / UEPB
Examinadora

História e Sindicalismo: Atuação e Militância da Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba (ADUEPB) nas décadas de 1980 e 1990 ¹

Suênia Maria Nascimento de Araújo

Orientador(a): Prof^a Ms. Maria de Lourdes Lôpo Ramos

Resumo

Este artigo tem como objetivo historicizar e discutir o movimento sindical em Campina Grande, mais especificamente, da Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba (ADUEPB) nas décadas de 1980 e 1990. Como propósito, fizemos uma breve análise da história do sindicalismo no Brasil e da história da ADUEPB, verificando a forma como ocorriam as mobilizações, quais eram os objetivos das lutas travadas, bem como as estratégias e táticas empregadas nas relações entre empregador e trabalhador. Abordamos aspectos relacionados a atuação da ADUEPB e de seus militantes na busca constante por conquistas e melhorias para a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para o desenvolvimento da pesquisa, fizemos uso do método da História Oral através da realização de entrevistas semi estruturadas com dois militantes deste sindicato, onde tivemos oportunidade de conhecer a história da ADUEPB partindo das vozes dos próprios personagens. Tomamos por referenciais teóricos Ecléa Bosi (2003) para estudar o conceito de memória. Michel de Certeau contribuiu com os conceitos de estratégia e tática para discutirmos as relações entre os militantes sindicais e os dirigentes institucionais, para as questões relacionadas ao movimento sindical, utilizamos Marco Aurélio Santana e Sílvio Costa (1995). Em suas narrativas, os entrevistados enfatizaram a importância da atuação da ADUEPB na luta por relevantes conquistas como a estadualização e a autonomia financeira da UEPB em pleno processo de desestabilização do sindicalismo no Brasil ocorridos durante a década de 90 pelo Governo Federal e Estadual. Palavras-chave: História, Movimento Sindical, ADUEPB.

Abstract

History and Unionism: Expertise and Advocacy of the Association of Teachers of the State University of Paraíba (ADUEPB) in the 1980 and 1990.

This article has aimed to historicize and discuss the trade union movement in Campina Grande, more specifically the Association of Teachers of the State University of Paraíba (ADUEPB) in the 1980 and 1990. As regard, we made a brief analysis of the history of unionism in Brazil and the history of ADUEPB, checking how the demonstrations were taking place, what were the goals of the struggles and the strategies and tactics employed in the relations between employer and employee. We discuss the performance aspects of ADUEPB and their constant search for militants in the achievements and improvements to the State University of Paraíba (UEPB). For the development of research, we used the method of oral history by conducting structured interviews with two militants of the union, where we had opportunity to know the history of ADUEPB leaving the voices of the characters themselves. We take a theoretical Ecléa Bosi (2003) to study the concept of memory. Michel de Certeau has contributed to the concepts of strategy and tactics for discussing the

¹ Este artigo foi apresentado para o cumprimento da integralização curricular do componente TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

relationship between labor activists and institutional leaders, on issues related to the union movement, and used Marco Aurelio Santana Silvio Costa (1995). In their narratives, respondents emphasized the importance of the role of ADUEPB relevant achievements in the fight for as decentralization UEPB and financial autonomy in the process of destabilization of unionism in Brazil occurred during the 90 Federal and State Government. Keywords: History, Labor Movement, ADUEPB.

Sindicato é uma associação de indivíduos da mesma classe profissional, com interesses e necessidades comuns que se reúnem com o objetivo de defender seus interesses profissionais e econômicos, segundo nossos dicionários da Língua Portuguesa. A palavra sindicato tem raízes no grego “syn-dicos” – que significa aquele que defende a justiça e no latim “sindicus”, que significa procurador escolhido para defender os direitos de uma corporação. Sindicalismo, de acordo com Vieira (2009, p.35), é o movimento social que envolve esses trabalhadores em luta por seus objetivos e metas.

No Brasil, o movimento sindical surgiu mais tarde do que nos países da Europa, mas esse fato é explicado, pois a industrialização também chegou tardiamente. Até o início do século XX, o Brasil era um país predominantemente agrícola, baseado na economia do café e no trabalho escravo, passando para uma economia industrial, que surgia juntamente com o processo de urbanização, onde um grande número de pessoas saía do campo e ia morar precariamente nas cidades em busca do trabalho assalariado. À medida que surgia esse novo tipo de economia no Brasil, surgiam também os movimentos sociais urbanos.

Entretanto, o sindicalismo como definido anteriormente ganha força e fisionomia no Brasil a partir de 1978 quando há um ressurgimento do movimento sindical mediante ao colapso da economia brasileira com a crise do chamado Milagre Econômico². As greves dos metalúrgicos do ABCD³ paulista foram divisoras de águas neste momento em que predominava a Ditadura Militar no país, cujas mobilizações foram precursoras para a época e abriu caminho para outras categorias de profissionais, entre eles, a dos professores.

A greve de 1978 é um marco histórico para o movimento sindical no Brasil e apresentou um aspecto peculiar, que foi o fato dos funcionários da Scania, terem ido para a fábrica, cruzarem os braços e não ligarem as máquinas. Santana (2003, p. 289) afirma que:

Após a greve de 1978, tornaram-se possíveis outras mobilizações, em um processo que se consolida e amplia com as greves de metalúrgicos em 1979 e 1980, às quais,

² Período caracterizado por um crescimento econômico, decorrente de aspectos como reformas realizadas no período anterior e a vontade política do Governo Militar.

³ Sigla utilizada para se referir a quatro cidades no Estado de São Paulo, tradicionalmente industriais: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema.

em volume ainda maior que na anterior, se incorporam outras categorias (bancários, petroleiros, professores, etc.) em todo o país, em uma verdadeira ascensão da classe trabalhadora no Brasil do período.

Nesse momento, o movimento sindical servia como impacto em relação aos pilares de sustentação da ditadura militar, a qual mesmo estando em crise reagiu fortemente no sentido de fazer refluir o movimento. Além disso, os trabalhadores surpreenderam a todos com os movimentos fortes, greves gerais em uma conjuntura política marcada pela repressão, censuras e cassações.

As mobilizações geradas pelo movimento sindical tinham entre suas reivindicações, o reajuste salarial, a diminuição da jornada de trabalho, a questão das horas extras, sendo a primeira aparecendo com mais força, prioridade, ainda nos dias atuais. Mas os meios de repressão vinham de toda parte, uma vez que, empresas e Estado usavam suas forças para conterem as mobilizações, portanto, empresas demitiam em massa, prisões eram efetuadas com base na Lei de Segurança Nacional e no AI-V, na qual também constava a ilegalidade das greves, sem falar nas mortes e desaparecimentos dos que ousassem se opor ao regime. Todas essas forças de repressão eram utilizadas no sentido de intimidar os trabalhadores e, conseqüentemente, anular o movimento sindical.

Ainda, segundo Santana (*idem.*), a partir de 1980, o movimento sindical ganha mais força e isso é refletido pela criação, neste mesmo ano, do Partido dos Trabalhadores (PT) e posteriormente, de organismos intersindicais de cúpula. O PT (Partido dos Trabalhadores) é um partido político fundado por lideranças sindicais, fruto da associação espontânea de operários paulistas.

Esta expansão do movimento acabou gerando uma necessidade de unificação por meio da criação de uma coordenação nacional, que nunca foi alcançada, uma vez que, o movimento sindical acabou por se dividir em dois blocos: de um lado, as Oposições Sindicais, ou bloco combativo; e de outro a Unidade Sindical. O primeiro bloco era tido como esquerdista e desestabilizador e o segundo como conciliador e reformista. Posteriormente, o bloco combativo fundou em 1983, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), já a Unidade Sindical cria no mesmo ano a Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat) e em 1986, funda a Central Geral dos Trabalhadores (CGT).

A Central Única dos Trabalhadores (CUT), foi criada em 1983, durante o I Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras, realizado em São Bernardo do Campo, São Paulo. Mais de cinco mil trabalhadores participaram com o objetivo de criar a CUT, aprovar seus

estatutos, definir seu plano de lutas e eleger a direção nacional. Na ocasião, foram discutidas questões políticas, econômicas e sindicais.

Segundo Costa (1995), no setor político foi reivindicado o fim da política econômica do governo, o rompimento de acordos com o FMI, a liberdade de organização partidária, reforma agrária controlada pelos próprios trabalhadores, fim da Lei de Segurança Nacional, luta por eleições diretas para presidente, entre outros fatores. No setor econômico, foram tratadas questões como o combate ao desemprego e ao arrocho salarial, a luta pelo salário-desemprego, pela estabilidade do trabalhador e da mulher grávida, pela redução da jornada de trabalho, entre outras questões. No tocante aos aspectos sindicais, foram reivindicadas questões como liberdade sindical, autonomia, direito de greve e reconhecimento da CUT, como órgão de representação do movimento sindical no Brasil. Ainda sobre a CUT, Costa (1995, p.88) afirma que:

Sua tarefa é avançar na unidade e na não-cooperação entre as classes sociais, e para isso propõe: unidade de ação e não a unidade orgânica; lutar para construir novas estruturas e mecanismos capazes de possibilitar e garantir conquistas de interesse das classes trabalhadoras; (...).

Na década de 1990, o movimento sindical irá sofrer modificações no campo das práticas e estratégias, seguindo uma lógica nacional, onde se passa a defender a negociação em detrimento da mobilização. Tem-se agora certa preocupação com a lucratividade das empresas, a atuação segue a lógica de mercado. Nesse período é criada a Força Sindical, com o chamado sindicalismo de resultados. E isso tudo é reflexo daquilo que acontecia no Brasil como um todo, que passava por modificações no campo político, sobretudo em um processo de eleições diretas para Presidente da República no pós redemocratização.

Nesse sentido, o movimento sindical, que até então, preocupava-se tão somente em lutas, mobilizações e reivindicações em prol do trabalhador brasileiro, e conseqüentemente batendo de frente com os empresários, passa a partir de então, a atrelar-se diretamente aos partidos políticos na disputa pela presidência da República, ou seja, em busca do mais alto poder do país.

Nessa primeira eleição direta para presidente da República, a vitória foi dada a Fernando Collor de Melo, e com isso o presidente da CGT, Antonio Rogério Magri tornou-se ministro do trabalho. Percebemos, portanto, que os líderes sindicais na década de 1990, esquecem um pouco a luta até então travada e se deleitam em nova luta: a busca pelo poder, contra ao qual sempre se manifestaram. Observamos então, uma série de mudanças, que

perpassam práticas e estratégias dentro do movimento sindical, uma vez que, mesmo as mobilizações continuando a existir, o jogo de interesses que as embasa mudaram e de certo modo os trabalhadores ficaram a mercê de um sindicalismo político-partidário.

Os trabalhadores, em sua maioria, não se identificam como antes com o movimento sindical, isto é, com o sindicato a que fazem parte, uma vez que este sindicalismo oficial se propõe a defender os interesses dos trabalhadores e estes, por sua vez, precisam apenas contribuir com a taxa sindical. Muitos trabalhadores não se contentam com isso, querem mais, querem permanecer engajados na luta, como nas mobilizações anteriores e muitas vezes passam a desacreditar do sindicalismo brasileiro, pois passam a presenciar atitudes que não condizem com eles próprios.

A ADUEPB e o movimento sindical: história e atuação.

Para se falar em ADUEPB precisamos começar pela Associação dos Docentes da Universidade Regional do Nordeste ADURNE – de 1979, e em consequência disso, temos que reportar a história da Universidade Regional do Nordeste (URNE), hoje UEPB. A URNE foi criada em 15 de março de 1966 e era mantida pela Fundação Regional do Nordeste – FURNE. Nesse período, o Brasil vivenciava um momento de intensa repressão, uma vez que, o regime político vigente era o de uma ditadura militar. Desta forma, a URNE não escapou das ações desse regime de governo e no ano 1969, passou a sofrer com a ameaça de uma intervenção federal, resultado do golpe militar ocorrido em 1964.

Mas a URNE sobreviveu a essas dificuldades e se consolidou em Campina Grande. A partir de então, passou-se a lutar pela estadualização desta instituição de ensino. Depois de muitas tentativas frustradas por parte da reitoria da URNE, no ano de 1987, a estadualização aconteceu na administração do então governador Tarcísio de Miranda Burity e no reitorado do professor Sebastião Guimarães Vieira. A estadualização foi regida pela Lei nº 4.977 de 11 de outubro de 1987, fruto de intensas mobilizações por parte de professores, alunos, funcionários e suas entidades representativas. A partir desse momento, a Universidade passou a ser chamada de Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e uma nova história passou a ser escrita, um novo fôlego, modificando os rumos da vida acadêmica de todo o Estado da Paraíba.

A história da UEPB está indissociada da história da ADUEPB, uma vez que, esta entidade seguiu os passos da UEPB. Porém, foi ainda com a mobilização da ADURNE que a primeira e grande bandeira de luta foi hasteada em prol da estadualização da URNE, diante

dos enormes problemas que aquela Instituição vivenciava. A URNE passava por imensas dificuldades como a própria instabilidade, evidenciada pelo fato de anualmente ocorrer a mudança no cargo de reitor, uma vez que, os problemas eram muitos e as formas de resolver muito escassas.

Nesse sentido, a ADURNE travou uma intensa luta, com grande mobilização em prol de modificar os rumos da educação superior em Campina Grande através da possível solução para os problemas pelos quais passava a URNE. A Associação luta incansavelmente em busca de uma educação superior pública, gratuita e de qualidade, onde todos os alunos pudessem ter acesso e os professores fossem valorizados. Mas a luta pela estadualização tornou-se o eixo mobilizador da categoria tendo em vista a grande contribuição que esta Universidade sempre trouxe para o Estado da Paraíba e estados circunvizinhos em termos de crescimento e desenvolvimento frente a grande quantidade de estudantes de outros estados que compunham os quadros dos discentes desta IES proporcionando e tornando Campina Grande um pólo estudantil.

A estadualização tornar-se uma realidade na Paraíba, a Universidade passa a ser denominada UEPB e a entidade representativa dos professores desta Instituição passa a ser chamada ADUEPB – Associação dos Docentes da UEPB. E é também nesse período, após a estadualização da UEPB que a ADUEPB se torna sindicato.

A ADUEPB nas falas de militantes.

As vozes dos militantes nos trazem grande contribuição para analisarmos nossa temática de pesquisa, uma vez que, trazem um novo olhar, na maioria das vezes, de uma maneira diferente daquele que se encontra nos documentos oficiais, que nos permitem transitar por campos mais subjetivos, como por exemplo, o das sensibilidades. Como afirma Ecléa Bosi (2003, p. 16-17):

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo.

Podemos perceber como alguns acontecimentos históricos afetaram a vida dos narradores, muitas vezes a partir das lacunas e dos esquecimentos, que podem ser visualizados nas suas narrativas. Cada narrador apresenta em sua fala um pouco da sua experiência vivida

por si próprio ou pelo grupo a que pertence, e no momento em que ele nos transmite um pouco dessa memória, ele revive aquela situação, de outra forma e com outra intensidade.

A metodologia da História Oral nos oferece a oportunidade de buscar informações contadas pelos sujeitos históricos que vivenciaram os acontecimentos que ao serem narrados narram a si mesmos constituindo uma identidade para si e fixando-a no tempo, no tempo da narrativa.

Dessa forma, a História Oral possibilita que seja produzida uma nova documentação, decorrente das vozes de pessoas envolvidas com o tema em que se pretende pesquisar. É interessante ainda, que se faça um confronto entre mais de um entrevistado, para percebermos o que foi falado e o que foi silenciado e tentar entender o que levou esses atores a produzirem suas falas. A História Oral permite ainda, uma melhor interação do pesquisador com a fonte, uma vez que, o entrevistador tem sempre a possibilidade de dialogar com o seu entrevistado. Podemos perceber isso no pensamento de Verena Alberti, (2005, p.81)

Na História oral, a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial, uma vez que é realizando uma pesquisa, em arquivos, bibliotecas etc., e com base em um projeto que se produzem entrevistas, que se transformarão em documentos, os quais, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas.

Tivemos a oportunidade de perceber isso nas falas de nossos entrevistados. Para desenvolver este trabalho, realizamos entrevista com duas pessoas ligadas diretamente a ADUEPB ou que já foram ligadas anteriormente. A primeira entrevista foi realizada com a atual reitora da UEPB, a professora e Fisioterapeuta, Marlene Alves de Souza Luna, que já foi presidente da ADUEPB por vários anos e esteve à frente de conquistas importantes que o sindicato conseguiu. A segunda entrevista foi com o atual presidente da ADUEPB, o sociólogo e professor José Cristóvão de Andrade, que também sempre foi ligado ao movimento sindical.

Em sua narrativa a professora Marlene Alves nos informa do seu ingresso no movimento sindical no ano de 1984, representando o curso de Fisioterapia. Ela tinha acabado de concluir o curso, em seguida passou atuar como docente no próprio curso e logo se engajou na ADUEPB, primeiramente na diretoria, em seguida assumindo a vice presidência e chegando a ser presidente da entidade por três mandatos, no período compreendido entre 1997 e 2002, onde neste último ano precisou se ausentar em virtude de passar a cursar seu doutorado na Espanha. Como afirma a própria Marlene Alves⁴:

⁴ Entrevista concedida em 26/10/2009

(...) termino meu curso de Fisioterapia em 82, em 84, como era um curso muito novo, eu já entro como professora, como docente do curso de Fisioterapia, e a partir deste contato com o curso de Fisioterapia, já saio representante do conselho de curso, junto ao Sindicato, na época ADURNE, que era Associação dos docentes da URNE e, este foi o primeiro contato com o movimento sindical, representando o curso de Fisioterapia, na década de 90 (...) saindo no ano de 2002, porque aí fui embora, fui embora não, me afastei da Universidade pra fazer meu doutorado na Espanha.

Marlene nos mostra que nunca foi uma pessoa que se convence facilmente com o que lhe propõem e que gosta de lutar por aquilo que acredita, e foi com esse espírito, segundo ela “agitador”, que aconteceu o seu envolvimento com o movimento sindical, mais especificamente com a ADUEPB. O atrelamento ao sindicalismo ocorreu como uma sede de mudança em relação à UEPB, que é uma Instituição da qual fez parte desde a época de estudante e que por isso mesmo, conhecia como ninguém e sabia todas as suas dificuldades, como também conhecia o caminho a ser trilhado para solucioná-las. Além disso, acreditava no potencial desta Universidade, sabia o quanto podia acrescentar no crescimento e desenvolvimento do Estado e isso a levou a buscar o movimento sindical como uma forma de tentar modificar o que estava posto.

Inicialmente, Marlene Alves trata da passagem de URNE para UEPB, afirmando que era de caráter municipal, mas sobrevivia totalmente a partir das mensalidades de seus alunos, não recebia recursos de nenhuma esfera pública. E isso, segundo ela, era algo extremamente complicado para região, uma vez que, grande parte da população era bastante carente e não tinha condições de custear um estudo universitário privado. O que demonstra que a URNE era uma contradição para a realidade na qual estava inserida. Nas palavras de Marlene Alves:

(...) a URNE, ela vinha, era uma autarquia municipal, mas ela sobrevivia basicamente da manutenção dos estudantes, ou seja, era uma entidade que era municipal, mas era privada, porque não recebia absolutamente nada do poder municipal, ou quase nada, nem do estadual, nem federal, e ela se mantinha exclusivamente com a mensalidade, numa região extremamente carente

Ainda, segundo, Marlene Alves, na década de 1970, os professores e funcionários da URNE passaram vinte e dois meses sem receber nenhum salário, devido ao cenário de crise no qual estava inserida aquela Instituição. Mas, mesmo vivenciando esta situação, havia um compromisso muito grande por parte daqueles professores e funcionários em manter a URNE

em pleno funcionamento, travando uma luta constante junto à ADURNE em busca de melhorias tanto para a Universidade, como para os profissionais que ali trabalhavam e também para os alunos, para a qualidade da educação. Marlene Alves enfatiza:

(...) na década de 70, durante 22 meses, os professores e funcionários da URNE não receberam um só salário, ou seja, passamos, passamos que eu digo enquanto Instituição, porque, claro, eu não estava aqui, mas durante praticamente dois anos, ninguém recebeu um salário e mesmo assim existia aquele compromisso de que a Instituição era importante e deveria lutar.

Sobre a estadualização, Marlene Alves afirma que foi fruto de uma luta travada pela ADURNE, pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), pelo Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Ensino Superior (SINTESP) e que não podemos esquecer a importância exercida também pelo reitor na época, Sebastião Vieira. Destacou a importância desta estadualização pelo fato de se ter conseguido a gratuidade para os alunos, o que é de fundamental importância para um contexto econômico carente vivenciado naquele momento. Mas, Marlene Alves afirma ainda que a expectativa era maior do que aquilo que de fato aconteceu.

Evidentemente que a expectativa era maior, que agora o Estado irá financiar a Universidade. (...). Com a estadualização, criou a expectativa de que a UEPB, a nova UEPB, não teria mais nenhum problema, não teríamos crise, não teríamos greves, porque o Estado passaria agora a assumir a Instituição, o que, não aconteceu na realidade, melhorou por um aspecto melhorou, a gente deixa de cobrar do aluno, o Estado passa a repassar a manutenção

Após a afirmativa de que a estadualização trouxe menos benefícios do que aquilo que se esperava, Marlene estabelece uma ligação entre o momento difícil vivenciado pela UEPB aqui no Estado da Paraíba com o que acontecia no cenário político a nível nacional. Nesse sentido, o governo de Fernando Henrique Cardoso e sua política neoliberal, das privatizações, de tudo passar a ser pensado a partir da lógica do mercado, passou a interferir de maneira indireta na vida da UEPB, pois a política federal atingia os governos estaduais e inebriava os governadores. Assim, na década de 1990, a ADUEPB precisou travar verdadeiras batalhas, em prol de melhorias mínimas para os professores da UEPB, as greves eram constantes e cada vez maiores e mais radicais.

(...) a política federal terminava sendo absorvida pelos governadores, e aí a UEPB teve uma greve em 95, outra em 97, outra em 99, outra em 2001, se você observar,

praticamente a cada dois anos esta Universidade entrava numa greve, e cada dia maior do que a outra, na primeira, 20 dias, na segunda 60, a chegar a última como chegamos a 6 meses de greve, com a greve de fome.

No contexto nacional, em 1995 ocorreu a greve dos petroleiros com repercussão nacional e foi derrotada, ou seja, os trabalhadores não conseguiram garantir seus direitos, mediante intensa campanha de desmobilização dos movimentos sociais por parte do governo federal, que passou a minar cada vez mais a atuação do movimento sindical de todo o Brasil frente a intensa campanha de descredibilidade da função social e histórica do sindicalismo no país (COSTA, 2005). Neste sentido, para Marlene Alves se um segmento tão forte quanto o dos petroleiros não conseguiu obter êxito, uma categoria pequena com menos força também não iria conseguir.

Marlene afirma que o período compreendido entre as décadas de 80 e 90 foi mais difícil para os trabalhadores, justamente por coincidir com a política neoliberal do governo FHC. Nessa política, a educação não aparece como prioridade, então, a UEPB não fazia parte do plano de metas do governo do Estado.

O projeto de Brasil, de soberania do Brasil não passava pela instituição universidade, como sendo uma instituição importante pra esse projeto de soberania, de autonomia, através da produção de conhecimento. Então foi tudo um desmonte do sindicalismo brasileiro. Evidentemente que houve resistência, e a resistência foi muito mais, aí sim, do segmento dos servidores públicos.

Mas isso, de certa forma é algo positivo para o movimento sindical, uma vez que, os militantes são obrigados a se articularem e se organizarem de maneira a não permitir que uma nova forma de ver o mundo seja imposta de cima para baixo e ser aceita por todos. E quando existe essa articulação, o movimento se torna muito mais forte e capaz de reunir um maior número de militantes e ter um maior poder para conseguir atingir os objetivos da classe trabalhadora a que representa.

Para Marlene Alves, a ADUEPB, juntamente com os representantes dos estudantes, foi peça fundamental em todas as conquistas obtidas em prol da UEPB, um exemplo disso é a estadualização e a autonomia financeira. Em uma conjuntura política avessa a quaisquer formas de movimento social, às mobilizações travadas pela ADUEPB e a ligação com sua categoria, os professores da UEPB e destes com o sindicato, as mobilizações, bem como as participações ativas das lutas, são indicativos de que as resistências sociais existem por mais que se tente desestabilizá-las. Nas décadas de 80 e 90, quando o Estado não tinha nenhum compromisso com a Universidade e por isso não tinha uma política de investimento voltado

para a Instituição, esta não tinha como investir em nenhum projeto, em nada e muitas vezes o sindicato era a estrutura que existia de mais forte da Universidade.

No tocante às formas de luta, o mais comum na ADUEPB, assim como em qualquer outro sindicato, era a realização de greves e passeatas. Mas, segundo Marlene Alves, pelo menos no período em que ela esteve na diretoria, o sindicato somente partia para a greve, quando eram esgotadas todas as tentativas de negociação com o governo do Estado que chegavam a durar até dois meses, e somente após essas tentativas terem sido frustradas, é que se tomava a atitude extrema de entrar em greve, normalmente com o apoio de um grande número de profissionais. Para a narradora o sindicato sempre foi muito próximo a sua base.

A ADUEPB, ela passava a ter essa característica de ser um espaço onde o conjunto da Universidade entendia que poderia ser um espaço, pelo menos pra ouvir o, as demandas e lutar por essas demandas, já que a gente tinha de fato uma certa fragilidade por parte da Administração, não porque o administrador era frágil, mas é porque o Governo era muito forte nesse sentido.

A partir dessa afirmação de Marlene Alves, podemos discutir dois conceitos importantes para essa situação, o de estratégia e tática, onde o primeiro diz respeito a postura que ela faz referência em relação ao Governo, que era muito forte, uma vez que, entende-se por estratégia, segundo o pensamento de Certeau, as ações de articulação empreendidas pela Instituição, pelo poder. Já as táticas seriam as mobilizações, greves, passeatas, protestos em geral travadas pelo sindicato e seus militantes no sentido de lutar pelos objetivos do grupo. Nas palavras de Certeau (2008, p.12):

Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela Instituição.

Em relação à busca pelo poder por parte do movimento sindical a professora considera algo normal, uma vez que, segundo ela, toda organização almeja chegar ao poder, mas não sendo uma busca sem sentido, pelo contrário, se tenta chegar ao poder para tentar melhorar algo a favor de seus representados. Como afirma a entrevistada:

(...) qualquer estrutura quer chegar ao poder, agora entendendo o que fazer com esse poder. Eu não quero chegar ao poder numa apropriação, Lula não queria chegar ao poder, ou os trabalhadores com Lula, com aquele movimento e fortalecendo no caso o PT como o Partido dos Trabalhadores, pra que Lula chegasse ao poder, para que Lula estivesse no poder, não era isso. Mas era numa perspectiva de entender que se

um trabalhador chegasse, nós teríamos um país diferente porque as políticas também seriam outras.

Através da fala da professora Marlene Alves, podemos concluir que na visão dela, uma das mais importantes conquistas da UEPB, como resultado da luta constante da ADUEPB e das entidades representativas do movimento estudantil, foi a autonomia financeira da Universidade.

Evidentemente que em 2004 com autonomia, aí você passa a mostrar uma coisa que todos nós lutávamos e sabíamos a Instituição, ela só vai crescer, só vai se consolidar se ela tiver por parte do governante a compreensão que ele precisa investir, porque os programas são contínuos, eles, ninguém trabalha com o conhecimento sem saber que o dinheiro vai, o financiamento vai ta assegurando, então você não pode ter nenhuma programação se não tivesse essa garantia.

Após essa conquista da autonomia financeira, a luta agora dentro da Universidade é no sentido de fazer com que os profissionais se aprimorem o máximo possível, é a busca pelo capital intelectual agora, pois o capital financeiro já foi conseguido, graças à atuação incessante do movimento sindical, da ADUEPB. Marlene Alves é bastante otimista no tocante a esse assunto, e estabelece metas a serem alcançadas entre os professores e alunos.

E agora é chegada a hora, e esse capital político permitiu que ela tivesse esse ganho que é a lei de autonomia, é a hora agora de a gente construir esse capital intelectual que é o que nós estamos tentando fazer, melhorando a qualificação dos docentes, nós queremos cem por cento dos professores com doutorado, nós queremos ter dinheiro pra investir na pesquisa, queremos que vocês tenham participação na iniciação científica, que a Universidade seja de fato uma Instituição com qualidade e um centro de excelência

Sobre o movimento sindical nos dias atuais, a professora Marlene Alves explica que as lideranças sindicais eram mais competentes no momento em que era apenas oposição, sua atuação era mais consistente. Atualmente, vemos certa desmobilização entre a classe trabalhadora, o que não quer dizer que esta tudo bem, tudo certo, tudo resolvido, mas pelo contrário, ainda existe um abismo enorme na relação empregador x empregado, nas relações de trabalho.

Em relação à atuação da ADUEPB na atualidade, Marlene afirma que a luta por reposição salarial não está sendo algo necessário, uma vez que, ela enquanto reitora se preocupa com essas questões, o que é reflexo de sua história de vida ter sido sempre marcado pelo envolvimento com o movimento sindical. Nas palavras dela: *há um certo deslocamento com a minha vinda pra reitoria, também, porque as ações que eu sempre lutei pra que a*

Universidade implantasse, eu, hé, meio como no dia-a-dia, eu tento implantar a partir desse papel de reitora.

A segunda entrevista foi realizada com o atual presidente da ADUEPB, o sociólogo e professor José Cristóvão de Andrade. Segundo ele, sua experiência de vida sempre esteve ligado aos movimentos sindicais desde cedo, quando foi militante do movimento estudantil, como estudante da Escola Estadual da Prata, onde criou um grêmio estudantil no início da década de 80. Mas, antes mesmo dessa época, o professor Andrade nos informa que já tinha conhecido correntes políticas de esquerda, como a Juventude Unida em Cristo, Voz da Unidade e Tribuna Operária e partidários do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR8), Partido Comunista do Brasil (PC do B), entre outros partidos. Nesse período, também já fez parte de um sindicato, o dos gráficos. Como afirma o professor Andrade⁵:

Então a atuação jovem, é, nesse período, de comunidade e de, de, clube de jovem, de associação de moradores, de grêmio estudantil, é, nos fez, quer dizer, nos colocou no caminho de luta. Depois eu tive oportunidade de militar no sindicato dos gráficos, já que eu era aluno do Estadual da Prata, mas eu era gráfico, tinha feito um curso de tipografia e era operário gráfico, chão de fábrica

Na Universidade, cursando Sociologia, professor Andrade continuou atuante nos movimentos sociais, foi presidente do Centro Acadêmico, diretor do Diretório Acadêmico, atuou também no Diretório Central dos Estudantes (DCE), participou da criação da União da Juventude Socialista (UJS), onde foi perseguido pela ditadura militar. Além dessa atuação no movimento estudantil, participou também do movimento da luta pela terra, da luta dos canavieiros.

Já entrei na Universidade com a base junto aos movimentos de juventude, aos movimentos sociais e populares, como também eu lembro que nós estudantes de Sociologia, que éramos ligados ao movimento estudantil dessa época dos anos 80, nós participávamos das lutas dos canavieiros, a luta pela, pela campanha salarial, principalmente Santa Rita, Bayeux, a área de Alagoa Grande e tivemos o prazer na época de ver o nascedor dos ideais de Margarida Maria Alves.

Então, a luta travada pelo professor Andrade e demais parceiros de mobilização eram de um lado pela terra, com os canavieiros e, de outro, por uma Universidade pública e gratuita. Ao entrar na UEPB, em 1991, como professor substituto, logo se ligou a ADUEPB, de maneira ativa, fazendo parte da diretoria.

Quando questionado sobre a história da ADUEPB, professor Andrade afirma que o sindicato foi fundado em 1979, na época da URNE, sendo chamada de ADURNE (Associação

⁵ Entrevista concedida em 17/09/2010

dos Docentes da Universidade Regional do Nordeste). E já nesse período da fundação, tinha como objetivo a estadualização da Instituição, uma vez que, esta passava por diversos problemas como instabilidade política organizacional, falta de condições de trabalho, salários baixos, entre outros aspectos que eram objetos de luta da ADURNE.

Percebemos que a estadualização da Universidade Estadual da Paraíba foi um divisor de águas na história da Instituição, como também na história da própria ADUEPB pela importância e pela ênfase vista nas falas dos entrevistados. Como afirmou o professor Andrade: *uma grande luta em defesa da gratuidade na nossa Instituição*.

Segundo o professor Andrade, a ADUEPB passou a ser sindicato, passou a ser uma seção sindical da Andes no período pós-estadualização da UEPB, o que mostra que a própria ADUEPB cresceu com essa conquista pela qual lutou tanto.

Quando indagado sobre as formas de luta, as mobilizações do sindicato, professor Andrade descreve a história das lutas da ADUEPB através de ciclos, onde o primeiro ciclo é compreendido pelo período em que o sindicato se organizava em meio às proibições típicas da ditadura militar. O segundo ciclo diz respeito ao período das mobilizações, da pós-ditadura militar, o período da luta pela estadualização da UEPB. Era um momento em que se lutava em prol de se instaurar uma democracia no Brasil. Como afirma o professor Andrade:

Então de 84 a 88 foi muito importante, coincidentemente um ano antes de proclamar a nova Constituição Brasileira de 88, se deu a estadualização, então o eixo do movimento sindical foi pela democratização, é, do nosso país, pela valorização do trabalho docente e pela qualidade, contra a precarização do trabalho docente.

Professor Andrade afirma ainda que, na época de sua fundação, a URNE iria proporcionar um desenvolvimento para o Estado da Paraíba, o que representou um olhar especial por parte de seus fundadores. Da mesma forma, no ano de 1987, com a sua estadualização, esse propósito de desenvolvimento foi consolidado a partir das lutas travadas por militantes da ADUEPB e de outros movimentos sociais, mas também através da determinação do então governador Tarcísio de Miranda Burity. Então, esse segundo ciclo representou um momento de grandes lutas e grandes conquistas.

Já o terceiro ciclo vem retratar uma época em que surgem novas inquietações, novas dificuldades, que são resultado do tratamento que cada governante dispensa à Instituição. A partir de 1995, o sindicato precisou travar lutas e fazer grandes mobilizações, buscando melhores salários, buscando orçamento para sobreviver. Nesse momento, o sindicato precisou se fortalecer para superar essas dificuldades. Na fala do professor Andrade:

O sindicato teve que mudar a tática de, só de buscar questão salarial, mas pra blindar a UEPB, foi aí onde a gente lutou por mais estrutura, foi aí onde lutamos por concurso público, foi aí onde a gente lutou com os estudantes pela qualidade da sala

de aula, foi aí onde a gente pediu mais investimento na questão interna da Instituição, então mudamos o eixo salarial e acrescentamos na nossa pauta, a defesa pela Universidade pública, gratuita e de qualidade.

No quarto ciclo, que, segundo Andrade, aparece no período pós 2002, ocorre mudança de governo estadual e o sindicato passa a ter condições de se manter organizado e lutando por questões de maior importância para a Instituição, ou seja, se trata de um momento histórico para o sindicato e para a Universidade, onde se conquista a autonomia financeira da Instituição. E essa conquista significa muito para a entidade, pois oferece subsídios para o crescimento em todos os seus setores. É o que relata o professor Andrade: *A partir de 2004 a UEPB vai ter condição de repensar a sua estrutura física, a sua estrutura acadêmica e sua qualidade docente. É concursos, qualificação, investimento em tecnologia, pós-graduação, então o sindicato percebeu isso.*

A partir dessas informações, percebemos que a ADUEPB soube fazer seu papel em todos os momentos da história da UEPB, passou por períodos difíceis, por momentos de crise, mas soube travar sua luta de maneira a trazer saldos positivos para a Instituição. Dentre as dificuldades, sobressaíram as vitórias, como por exemplo, a estadualização e a autonomia financeira, ambas conseguidas a partir de muita luta da categoria dos professores da UEPB.

Além das conquistas históricas e de grande importância que foram a estadualização e a autonomia financeira, professor Andrade destaca ainda outras, conseguidas por meio das lutas travadas pela ADUEPB, a implantação do plano de cargos, carreira e remuneração, que foi resultado de muitas discussões com a categoria e ainda hoje é visto com discordâncias por muitos, mas para ele é uma conquista muito significativa, e a isonomia salarial entre professores da ativa e aposentados, que sempre foi um princípio do sindicato para garantir que os aposentados tenham assegurados os mesmos direitos de qualquer outro professor da ativa. Entretanto, professor Andrade vai mais além com esta afirmação:

Então, é, conquistamos melhorias em todos os níveis internos aqui da Instituição e eu tenho certeza que a, a, e eu posso lhe afirmar, tudo que essa UEPB tem de bom e de melhor e que ainda vai buscar muito mais, essa ADUEPB tem a mão dentro, tranqüila, serena, solidária, como tudo que foi feito valeu a pena.

Nesta afirmação, o professor Andrade afirma que em todos os ganhos que a UEPB obteve, a ADUEPB esteve presente, ou seja, lutou em prol de conseguir tais conquistas. Mas, na hora de destacar os pontos cruciais, não tem dúvida: *eu quero destacar esses momentos lindos na história do sindicato, da estadualização e da autonomia financeira, pra mim foram pontos imensuráveis na luta dos movimentos sindicais.*

O professor Andrade afirma ainda que a ADUEPB, a exemplo dos outros sindicatos sempre teve ligação com partidos políticos, através de seus militantes, no início havia uma

hegemonia por parte do Partido Comunista do Brasil (PC do B), mas atualmente, o sindicato apresenta uma postura mais pluralizada em relação aos partidos políticos, onde os membros encontram-se filiados aos mais diversos partidos. Segundo Andrade, hoje, o sindicato está muito mais preocupado com a defesa dos ideais da Universidade Estadual da Paraíba. Como afirma:

Bom, até porque a gente entende que a luta pela pluralidade de pensamentos, de ideologias e de concepções políticas tem ajudado muito o movimento, porque evita a, o aparelhamento, a partidarização e confrontos no campo meramente político interno da Universidade. Então nós estamos aí, é, hoje, com a diretoria plural, no campo de luta e defesa de direitos, mas prioritariamente a nossa querida e amada UEPB.

Professor Andrade finaliza a entrevista falando sobre o movimento sindical na atualidade, afirmando que os precursores de tal movimento devem estar bastante tristes, em virtude da confusão que está se fazendo em relação aos conceitos de movimento, de política, de partido, entre outros.

Os dois entrevistados não apresentam pontos de discordância, apenas utilizam maneiras diferentes de expressar, sensibilidades diferentes sobre o mesmo acontecimento, o que mostra apenas a diferença com que cada fato afeta ou não a vida de cada um deles.

Nesse sentido, podemos afirmar que, sobre as conquistas da estadualização da UEPB e da autonomia financeira, ambos afirmam terem sido as maiores vitórias conseguidas pelas lutas e mobilizações travadas pela ADUEPB. Os dois entrevistados trazem a informação de que a ADUEPB já nasceu com o propósito da estadualização.

Em relação à estadualização, ambos colocam como tendo sido um momento histórico para a Paraíba, mas que não resolveu totalmente os problemas da UEPB, uma vez que, esta Instituição ficou na dependência em relação aos governantes estaduais, o que trouxe ainda, sérios problemas. E nesse ponto, o entrevistado professor Andrade mostra com bastante ênfase o período compreendido entre os anos de 1995 a 2002, como sendo um momento de muita dificuldade para a UEPB e assim sendo, um momento de grandes mobilizações na ADUEPB.

Sobre a autonomia financeira, ambos concordam que foi o momento que a UEPB se consolidou qualitativamente, trazendo benefícios para todos aqueles que são envolvidos nesta Instituição de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da breve análise no campo da história do movimento sindical brasileiro, como também, da atuação da Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba, pudemos perceber através das entrevistas realizadas, que a ADUEPB, ao longo da história, foi de fundamental importância para o crescimento e o desenvolvimento da UEPB, uma vez que, esteve sempre à frente das lutas por conquistas, travando intensas mobilizações, protestos, greves, na busca constante por melhorias naquela Instituição de ensino. Era a categoria de professores lutando por melhores salários, melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, lutando pela consolidação da Universidade, primeiramente por uma Universidade pública e gratuita e num segundo momento, assegurando a qualidade.

É importante ressaltar que, a luta travada pela ADUEPB e seus militantes sempre foi árdua, o que faz com que as principais conquistas sejam hoje lembradas pelos nossos entrevistados com bastante ênfase, uma vez que, representam para eles um resultado de muito trabalho, de muita dedicação.

Portanto, podemos concluir que, a ADUEPB exerceu sempre uma grande influência em cima das conquistas obtidas pela UEPB. Assim sendo, podemos afirmar que a estadualização e a autonomia financeira da UEPB foram bandeiras de luta travadas pela ADUEPB, com o apoio de outros movimentos, como o estudantil, que hoje asseguram benefícios tanto para os professores, como para os alunos e demais funcionários da Instituição.

Essa pesquisa servirá de suporte para trabalhos futuros, mais aprofundados, de uma possível pós-graduação, e também para a realização de consultas por parte da comunidade acadêmica e de quem despertar interesse pela temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3 ed. São Paulo: companhia das letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Sílvio. **Tendências e Centrais Sindicais: O Movimento Sindical Brasileiro de 1978 a 1994**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi; Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 1995.

SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980/1990. In: FERREIRA, Jorge, NEVES, Lucília. (Org.). **O Brasil Republicano - O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

VIEIRA, Josenilton Nunes. **O Sindicato como espaço de construção da profissão docente**. 2009. 221 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

ENTREVISTAS

José Cristóvão de Andrade. Campina Grande, set/2010. Entrevista concedida a Suênia Maria Nascimento de Araújo.

Marlene Alves de Souza Luna. Campina Grande, out/2009. Entrevista concedida a Suênia Maria Nascimento de Araújo.